

196 - A TRANSIÇÃO DE AGRICULTORES CONVENCIONAIS EM AGRICULTORES ORGÂNICOS CERTIFICADOS PELA CHÃO VIVO

Eduardo Ferreira Sales¹; Alessandro de Sousa Batista².

RESUMO

Atualmente vem aumentando o número de adeptos do sistema de produção orgânico, crescendo o número de propriedades agrícolas certificadas. O objetivo desse trabalho é demonstrar o estado de arte dos agricultores em processo de conversão para o sistema de produção orgânico e o potencial das propriedades em adotar esse sistema. Analisou-se alguns processos de certificação de propriedades agrícolas, identificando os pontos críticos dos sistemas de produção e mostrando algumas alternativas para a produção orgânica.

PALAVRAS-CHAVE: certificação, sistemas agroecológicos.

INTRODUÇÃO

Alguns agricultores, e especialmente os de base familiar, têm buscado alternativas à agricultura dependente de insumos sintéticos externos, passando para um sistema que seja sustentável ambientalmente e economicamente rentável. A agricultura orgânica no Brasil é orientada pela Instrução Normativa Nº 7 (BRASIL, 1999), que define os produtos de uso permitido, proibido e restrito. Observa-se porém, que há poucas informações de caráter técnico-científico a respeito do que permite a legislação para sistemas orgânicos. Assim, a maior parte das informações encontradas são empíricas e desenvolvidas por agricultores e técnicos "orgânicos", sem indicadores e parâmetros precisos que, em diversos casos, dificultam as recomendações técnicas e o planejamento do agricultor.

Conforme Flores (1991), a década de 90 sinalizou para o desenho de um novo padrão de concorrência econômica, que privilegia a competitividade via qualidade, a diversificação dos produtos e um novo padrão tecnológico que adiciona uma dimensão qualitativa ao conceito de produtividade, antes reduzido apenas a sua dimensão quantitativa. A

“revolução verde”, que visava o imediatismo da produção, causou problemas com a introdução de técnicas desenvolvidas, que tiveram como objetivo somente a obtenção de grandes produções sem levar em consideração outros aspectos (ex. sociais e ambientais).

¹ Engenheiro Agrícola M.Sc., membro do Departamento Técnico da Chão Vivo Associação de Certificação Orgânica do Espírito Santo, e pesquisador Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, Linhares, ES, (27) 3371-0388 - R:233, e-mail: edufsales@incaper.es.gov.br

² Engenheiro Agrônomo, inspetor da Certificadora Chão Vivo. Alegre, ES

Darolt (2000), em trabalho realizado no Paraná, identificou que a maioria dos agricultores orgânicos tem o desejo de continuar na atividade agrícola, buscando a sustentabilidade, proporcionando a continuidade do processo de produção de alimentos e a preservação ambiental, o que caracteriza a família do agricultor e suas gerações como componentes fundamentais no desenvolvimento sustentável.

Em uma pesquisa realizada por Maia et al. (2001), a adição de compostagem orgânica ao solo aumenta a disponibilidade de água, proporcionando economia e mais água para as plantas. Segundo Souza (1998), em experimentos realizados na região serrana do estado do Espírito Santo, comprovou-se a eficiência da adubação com compostagem orgânica na produção de milho e olerícolas durante dez anos consecutivos, apresentando excelente produtividade e padrão comercial.

Por outro lado, levantamentos junto às propriedades em conversão e certificadas como orgânicas, têm demonstrado uma certa “simplificação” nos sistemas de produção da maioria dessas propriedades, com o emprego insuficiente e/ou inadequado de práticas de agricultura orgânica (ARAÚJO et al., 2001). Ao abandonar o uso de adubos de síntese química e sem a reposição de nutrientes através da adubação orgânica adequada, a nutrição dos cultivos tem sido bastante prejudicada. Todavia, entre as práticas mais empregadas podemos destacar a aplicação de urina de vaca, a adubação verde, a compostagem, o uso de biofertilizantes e os consórcios com culturas. A compostagem orgânica, dentre todas, tem sido a menos empregada pelas dificuldades de sua elaboração e obtenção de matéria prima. A adubação via solo tem sido preterida e substituída pela adubação via foliar com biofertilizantes, ocasionando algumas deficiências.

DESENVOLVIMENTO

As Unidades Produtoras (UP) analisadas localizam-se na Mata Atlântica dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais, e na Caatinga dos estados nordestinos de Pernambuco e Bahia. Estas unidades estão em processo de certificação seguindo as orientações do MANUAL DE CERTIFICAÇÃO (2000) da certificadora Chão-Vivo.

UP da Mata Atlântica

As propriedades são menores que 100 hectares e possuem cultivos permanentes como cafeicultura e fruticultura, além de áreas ocupadas com pastagem, olerícolas, mandioca, milho, feijão, mata nativa e eucalipto. As divisas das propriedades são confrontadas

predominantemente com propriedades não orgânicas. A mão de obra é predominantemente familiar exercendo todas as tarefas da propriedade, e quando necessário, contrata-se mão de obra temporária, principalmente para colheita do café. Os dejetos animais são aproveitados nas lavouras.

Em geral os proprietários nasceram na UP, a qual herdaram de seus pais. Existem também meeiros conduzindo os cultivos. Os agricultores afirmam não querer mais usar agrotóxicos e sim produzir de maneira orgânica visando melhores condições de saúde.

UP da Caatinga

As áreas analisadas são menores que 10 hectares e estão inseridas em perímetros irrigados. Normalmente, a fruticultura é o cultivo predominante com a utilização de adubação via solo de esterco de caprinos ou pela aplicação de biofertilizante. O plantio de leguminosas (guandu, crotalária, mucuna, feijão-de-porco, etc.) é feito em algumas propriedades com o objetivo principal de cobertura das entrelinhas de alguns cultivos e em outras é feita a manutenção do mato com roçadas e capinas nas faixas de cultivos.

Alguns utilizam roçadeiras mecânicas costais e/ou tratorizadas. Para o controle de pragas e doenças existem dificuldades no cultivo. O esterco é obtido, em sua maioria, de caprinocultores convencionais e não é feita a compostagem orgânica. São cultivados, em ordem de importância, banana, coco, mamão e goiaba. Também se cultiva macaxeira, feijão, alguma hortaliça, entre outras. Algumas divisas possuem leucena e capim para os animais.

Nas duas regiões, foram relatados vários casos de agricultores contaminados por agrotóxicos, sendo um dos motivos da transição para a agricultura orgânica.

Os problemas mais freqüentes encontrados nos processos de certificação são: destino inadequado para o lixo e o esgoto doméstico, deficiência de água de boa qualidade para a irrigação e consumo, pouco uso de práticas agroecológicas (compostagem, barreiras de proteção, adubação verde, etc), mecanização intensiva, escoamento superficial, insuficiência de áreas destinadas a preservação permanente e poucas práticas que atendam as normas de bem estar animal.

CONCLUSÕES

A produção orgânica pode ser uma opção viável tecnicamente e economicamente em pequenos lotes dos perímetros irrigados do nordeste tendo em vista a diversificação da fruticultura, a possibilidade de se obter um volume que possa ser comercializado em

grandes centros, a assistência técnica ser concentrada e a existência de organização dos agricultores. Por outro lado, na região da Mata Atlântica estudada existe um grande potencial para desenvolver uma produção orgânica tendo em vista a proximidade e a demanda do mercado de café e olerícolas. A possibilidade de utilização de práticas agroecológicas, a elevação da renda acompanhada de múltiplos benefícios sociais e ambientais, entre os quais a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento de tecnologias limpas (livre de contaminantes e agrotóxicos) são resultados de um sistema de produção orgânico.

LITERATURA CITADA

ARAÚJO, J.B.S, ROCHA, A.C., BALBINO, J.M. de S. Eficiência do biofertilizante supermagro em cultivo orgânico de café catuaí. Londrina: CBCS, 2001.

BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Instrução Normativa N. 07. D.O.U. Dispõe sobre normas para produção de produtos orgânicos animais e vegetais. Diário Oficial da União, Brasília-DF. 17/05/1999.

DAROLT, M.R. As dimensões da sustentabilidade: Um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba, Paraná. 2000. 310 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FLORES, M. X. Projeto EMBRAPA: a pesquisa agropecuária rumo ao século XXI. Brasília: EMBRAPA-SEA. Documentos, 4, 1991, 38p.

MAIA, C.E.; BARRETO, A.K.G., MARIGUELE K.C., Silva A.K.M., MEDEIROS, F.A.S.B. Curva de retenção de água em um Luvissole Crômico com adição de doses de composto orgânico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE IRRIGAÇÃO E DRENAGEM, 11, 2001, Fortaleza. Anais... Fortaleza: ABID, 2001. p.69-74.

MANUAL DE CERTIFICAÇÃO. Normas e Regulamentos para uso do “Selo Orgânico Chão Vivo”. Santa Maria de Jetibá: Associação de Certificação de Produtos Orgânicos do ES - CHÃO-VIVO. 2000. 35p.

SOUZA, J.L. Agricultura orgânica: tecnologias para a produção de alimentos saudáveis. Vitória: EMCAPA, 1998.